

portugal

publicado pela comissão central de coordenação da f.p.l.n. em França - n.º 2 -

informação

nação da f.p.l.n. em França - n.º 2 -



julho - agosto 1970

Nº 2

HOJE: LUTAR PELO SOCIALISMO

Não há dúvida de que novos elementos vieram provocar, na vida portuguesa e de 1968 para cá, uma situação relativamente nova. No regime fascista nota-se o aparecimento de uma corrente oposta, sob certos aspectos, à orientação tradicional. O aparecimento de novos interesses do capitalismo português leva a uma mudança de estratégia em que a abertura para a Europa é, cremos, o ponto mais importante a acentuar. Mas isso não significa um desvio de posições em relação ao problema africano. Antes pelo contrário, na medida em que, só a conservação da política colonial tradicional permitirá o desenvolvimento das estruturas económicas capitalistas capazes de competir no mercado inter-

nacional; com efeito, a extracção de matérias primas africanas, efectuada com a utilização de uma mão de obra super-explorada, desenvolve-se dia a dia.

Por outro lado, é de assinalar que a continuação da política fascista, nos moldes do velho ditador, levantaria grandes problemas de segurança ao regime.

No contexto da luta de classes, manifesta-se certa radicalização das lutas operárias. Fora das lutas operárias mas dentro da contestação do regime, em alguns meios nomeadamente o estudantil, surge uma condenação mais consequente da guerra colonial e do regime capitalista. Por outro lado (segue na página seguinte)

AQUI, O TÍPICO PERDE A GRAÇA, NÃO VEM NOS ROTEIROS TURÍSTICOS DO SNI E DA TAP, AQUI, É PORTUGAL. PAÍS DE EXPLORAÇÃO, DE MISÉRIA,

E DE EXÍLIO. PARA O PROLETARIADO PORTUGUÊS, UM OBJECTIVO A ATINGIR, UMA SOLUÇÃO: A REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

na fotografia: bairro de lata na Portela de Sacavem



HOJE: LUTAR PELO SOCIALISMO

do, algumas correntes que se dizem democráticas são obrigadas a mostrar as suas inclinações neo-colonialistas e neo-capitalistas.

A despeito da luta legal e clandestina que se travou e trava, parece-nos que os democratas não souberam adaptar-se à situação relativamente nova. Por outro lado e em relação às eleições, não nos parece terem existido condições para a verdadeira luta, mais favoráveis do que nos períodos eleitorais "de Norton de Matos" e "do General Delgado".

O aparelho repressivo, aparentemente mais calmo, alargou os seus tentáculos; o aparelho militar é reforçado; o regime procura cada vez mais o apoio exterior e desenvolve-se a penetração imperialista em Portugal e nas colónias; desenvolvem-se as relações com a Alemanha Ocidental, a Espanha franquista e a França.

Nesta contingência, após mais uma experiência eleitoral, após mais uma repetição de insucessos democráticos perante um governo que não cede pelas vias legais, perante uma unidade (apregoadada) que não se forja, os responsáveis políticos continuam a ser ultrapassados e agarrados a formas de luta que a experiência aconselha a meter no saco das velharias.

Por muito arrojados que sejam certos núcleos da CDE, do ponto de vista legal a sua duração será efémera e a sua projecção anulada no espaço e no tempo como foram anulados tantos esforços e sacrifícios de democratas que deram a sua vida ou envelheceram em anos e anos de luta mas, também, de ilusões! Do ponto de vista legal viu-se até onde se pode ir, conhecem-se as limitações. O fascismo provou a sua capacidade de adaptação e, até agora, fez experiências apenas para reforçar as suas posições.

Os actos eleitorais têm sido como que um termómetro para o fascismo. E a fraqueza revelada pela acção democrática só o tem reforçado.

Considerar-nos a vanguarda revolucionária, falarmos em nome do povo, (mesmo com anos de luta), parecem-nos factos reveladores de falta de clarividência política, mesmo um crime, se esquecermos a experiência e insistirmos numa orientação gasta e errada. A vanguarda revolucionária terá expressão se fizer a unidade dos operários e dos camponeses, destruindo as ilusões eleitoralistas pequeno-burguesas.

A revolução não cai do céu. Ela resulta de um somatório de acções legais e ilegais.

gais. Ela não se fará continuando a sobrestimar pequenas acções reivindicativas ou de luta pela liberdade de expressão ou pela amnistia. Cada acto legal deve ser integrado num contexto revolucionário.

Acções de massas, mas também "especiais", devem ser constantes da actividade revolucionária. No momento actual devemos integrar as duas formas de actividade num todo. Mas não basta dizer-se que se está de acordo com acções violentas...

O objectivo revolucionário é a conquista do socialismo. Mesmo sacrificando alguns dos princípios socialistas perante os aliados pequeno burgueses não se forjou, até agora, a unidade democrática. Há momentos que possibilitam formas de unidade entre os que lutam por uma república democrática e os que lutam por uma sociedade socialista. Mas os limites dessa unidade findam onde os interesses pequeno-burgueses se opõem à unidade de interesses dos operários, camponeses e todos os que lutam realmente pela constituição de uma sociedade sem classes.

Hoje, em Portugal, ao cabo de mais de 60 anos de experiências, o problema da aliança democrática passou para o segundo plano. Organizar, reforçar e alargar a luta popular é, neste momento, a tarefa fundamental dos que lutam pelo socialismo.

CONFERÊNCIA DE ROMA DE APOIO À LUTA DOS POVOS SOB DOMINAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA

Realizou-se nos dias 27, 28 e 29 de junho passado, em Roma, a conferência referida no título e à qual participaram numerosas organizações políticas e sindicais de vários países.

No próximo número do nosso jornal falaremos dos resultados dessa conferência. A nossa comissão enviou, nessa ocasião, um telegrama ao CONCP (organismo representativo dos três principais movimentos de libertação das colónias portuguesas). Eis o teor do telegrama:

COMISSÃO CENTRAL COORDENAÇÃO FPLN FRANÇA MANIFESTA SOLIDARIEDADE LUTA ANTI IMPERIALISTA ANTI COLONIALISTA MOVIMENTOS LIBERTAÇÃO DESEJA OBTENÇÃO RESULTADOS CONFERÊNCIA ROMA CONTRIBUAM VITÓRIA FINAL.

Incluimos no nosso jornal um documento dirigido à conferência de Roma por vários dirigentes e militantes da F.P.L.N. residentes em Alger, documento esse que exprime posições com as quais estamos de acordo.

A POLÍTICA SUBTERRÂNEA DE M. CAETANO

J. B. Vorster, chefe do governo ultra racista de Pretoria (e que declara sem pejo "recusar a integração política e social da população negra"), carcereiro e carrasco de milhões de homens privados dos seus direitos mais elementares, avistou-se recentemente em Lisboa com o presidente do conselho português Marcelo Caetano, para reafirmar a política de colaboração dos dois países no espírito da "Santa Aliança Austro-Africana". Três dias mais tarde, Marcelo Caetano recebia em Lisboa o Ministro francês dos negócios estrangeiros Maurice Schumann ao mesmo tempo que o primeiro ministro francês Jacques Chaban-Delmas recebia em Paris o sr. J. B. Vorster - que os governos italiano, belga, holandês e inglês se recusaram a receber...

Schumann em Lisboa, Vorster em Paris - todos os segredos da diplomacia são romados pela evidência da política estruturada, uma vez que, a França, é o principal fornecedor de armas dos governos português e sul-africano, e o único país europeu com participação efectiva nos projectos de construção da barragem de Cabora-Bassa.

Um crédito de 31 milhões de libras foi já concedido pela Banque de Paris et des Pays-Bas às firmas Alstom, Cogelex-CGEE, Neyrpic e Societé Générale d'Entreprises destinado à execução dos projectos gigantesco do imperialismo sobre o Zambeze: fonte de energia eléctrica, certamente, mas sobretudo instrumento de guerra, muralha de ferro e de cimento erguida contra as lutas pela independência.

A conjuntura é simples: pequeno e sub-desenvolvido, o fantoche lusitano deixou de servir "convenientemente" os interesses dos grandes grupos capitalistas ocidentais estabelecidos nas colónias portuguesas (Krupp, Berman-Opel, Diamang, Fiat, Petrofina, Pechiney, etc) que desejam exercer um contróle mais severo sobre os seus investimentos na África Austral através de um "procurador" mais digno e mais representativo da sua política económica: o actual governo da África do Sul, apto a fornecer o apoio militar de que carecem os países imperialistas embrenhados no

"complot" austro africano - base de um novo bloco militar e económico rasgado sobre dois oceanos; um pacto do Atlantico Sul mais duma vez anunciado pelo governo de Marcelo Caetano e no qual participariam o Malawi, o Lesoto, o Botswana (já sob o domínio financeiro e militar de Pretoria) a Rodésia, Madagascar, Portugal, a África do Sul e... o Brasil: gendarmes da "ordem ocidental", do racismo e da exploração nesta vasta e riquíssima zona mineira. Para maior benefício das sociedades alemãs, italianas, belgas, holandesas, francesas, inglesas e americanas aí instaladas.

Schumann em Lisboa e Vorster em Paris são as primeiras cartas dum imperialismo "coberto" pela NATO e beneficiando da cumplicidade de todos os países membros deste organismo dito da paz que combate os soldados da liberdade nas colónias portuguesas de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo-Verde.

CABORA BASSA

SIGNIFICA UM SALÁRIO TENTADOR

MAS SIGNIFICA TAMBÉM:

- MAIS UMA TENTATIVA DE ESMAGAMENTO DA LUTA DOS POVOS AFRICANOS PELA INDEPENDÊNCIA;
- UM REFORÇO DA OPRESSÃO COLONIALISTA AO SUL DA ÁFRICA;
- O FORTALECIMENTO DOS REGIMES RACISTAS;
- O PROLONGAMENTO DA EXPLORAÇÃO DOS AFRICANOS QUE, COMO TU, SÃO VÍTIMAS DO CAPITAL;
- E TALVEZ A MORTE, COMPATRIOTA.

O CAPITAL NÃO MERECE A TUA MORTE E A DIGNIDADE NÃO SE VENDE POR 10 CONTOS POR MÊS.

POR ISSO DIZEMOS-TE: NÃO VAS TRABALHAR PARA

CABORA BASSA

DO MOVIMENTO OPERÁRIO

O 1.º DE MAIO

A comemoração do dia internacional do 1.º de Maio esteve, na sua origem, ligada à luta pela jornada de trabalho de 8 horas.

Em 1884, a 4.ª conferência da Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e do Canadá resolveu declarar para o dia 1.º de Maio de 1886 a greve geral pelas 8 horas. Os elementos mais revolucionários fundaram a "Associação pelas 8 horas" realizando numerosas reuniões ao ar livre e preparando a classe operária para a anunciada greve. Quando esse dia chegou, largaram o trabalho milhares e milhares de trabalhadores. Declararam-se 5 mil greves, obtendo desde logo completo triunfo os operários da construção civil, da indústria do tabaco e outras profissões, isto é, mais de 125 mil operários.

Dos 190 mil trabalhadores que, em todo o país, fizeram greve durante a primeira quinzena de Maio, 80 mil eram de Chicago. A burguesia, assustada pela vaga de rebeldia, tomou-se de pânico e resolveu esmagar o movimento à nascença, nem que para isso tivesse de recorrer a meios sangrentos. No dia 4 de Maio, na praça Haymarket, uma bomba misteriosamente lançada às pernas dos polícias, durante um meeting de rua, forneceu o pretexto. Os chefes do movimento socialista revolucionário foram presos, condenados à morte e enforcados. Aqui, o drama ultrapassa o quadro do movimento operário americano. Os mártires de Chicago: PARSONS, FISCHER, ENGEL, SPIES e LINGG, pertencem desde então ao proletariado internacional e a celebração universal do 1.º de Maio comemora o crime atroz cometido nos Estados Unidos pelos paladinos da "concorrência livre".

A tragédia de Chicago causou a mais profunda indignação nos meios operários europeus e foi a principal origem da fixação do 1.º de Maio como data para o proletariado se manifestar internacionalmente pela reivindicação das 8 horas.

Em Portugal, o Congresso das Associações Operárias, que se realizou no Porto em 1890, aprovou a manifestação internacional do 1.º de Maio e reivindicou a jornada de trabalho de 8 horas. No ano seguinte, em Lisboa, saiu um jornal com o título "O Primeiro de Maio". Portugal foi assim um dos primeiros países a celebrar esta data.

(extraído de uma publicação clandestina distribuída este ano em Portugal)!

HÁ 79 ANOS...

A história do movimento operário em Portugal é mal conhecida. Nós não pretendemos fazê-la mas, apenas, dar a conhecer alguns problemas ligados à luta do proletariado português contra a burguesia, a partir dos fins do século passado. Para isso utilizaremos textos da época. Neste caso, trata-se de extratos de um documento do Conselho Federal do Norte da Associação dos Trabalhadores na Região Portuguesa, publicado no jornal O Protesto Operário em 1891:

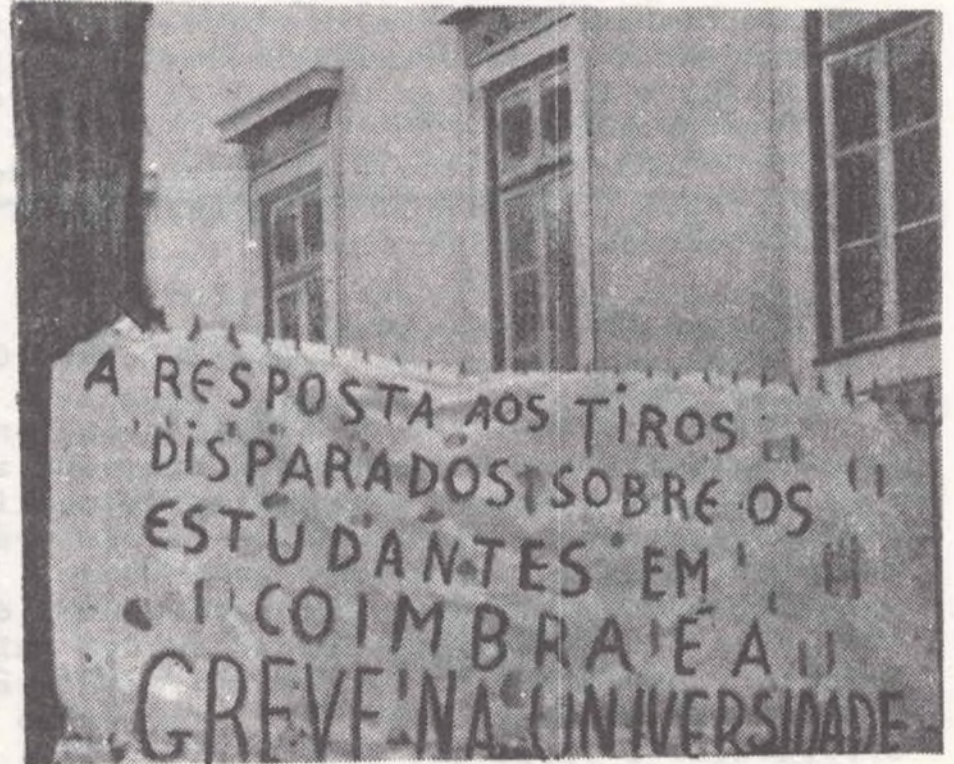
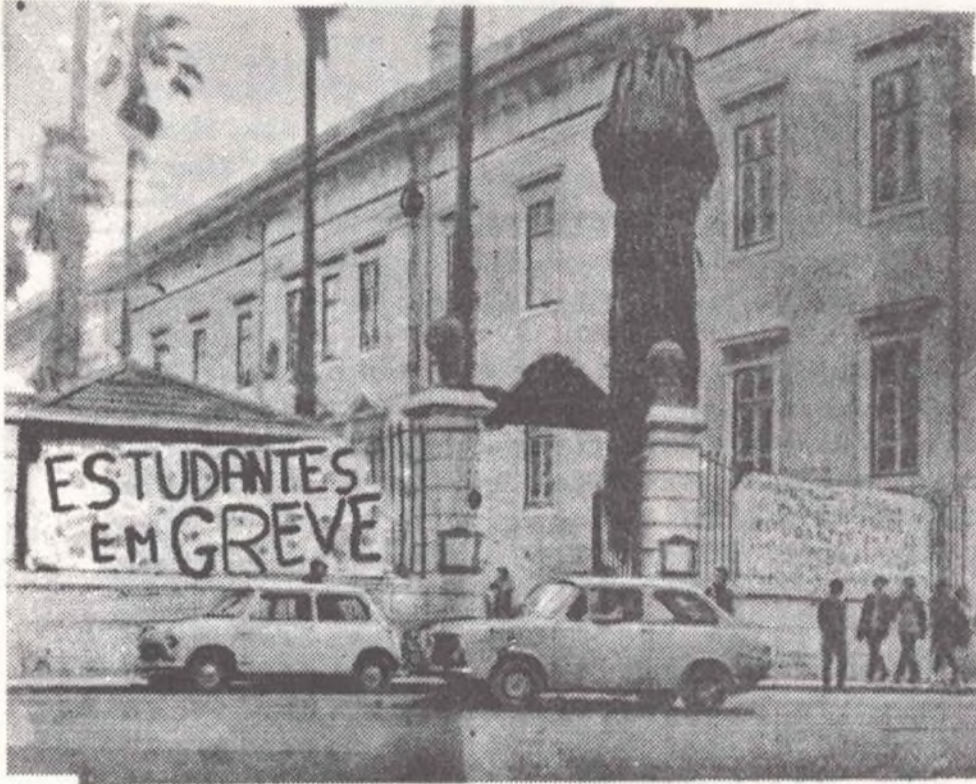
A sociedade portuguesa vai corruptíssima e, no modo de ver dos membros do Conselho Federal, tao corruptos estão os burgueses monárquicos como os republicanos. O Conselho Federal não crê que do advento da república advenha a felicidade das populações da região portuguesa, porque sabe que também no partido republicano, na sua própria imprensa, há também jesuitas e hipócritas, desde aqueles que sonharam com os empregos do Estado até aos que nos dizem diariamente de que cõr são os paramentos em tal ou qual templo.

...
Ao Conselho Federal não escapa que a sociedade portuguesa se esfacela, e por isso nunca irá na corrente da corrupção. Não procurará nunca transformar o Partido Operário Socialista em partido operário republicano. A sua conduta será: intransigência com os monárquicos e com os republicanos; guerra sem tréguas à burguesia.

Um dia operado um movimento republicano, o Conselho Federal nunca concorrerá para que se levantem trincheiras donde mais tarde a burguesia fuzilará os operários; nunca dará o seu concurso a uma causa cujo programa conhecido se resume unicamente na substituição do rei por direito divino por outro rei a quem chamam presidente da república, embora por uma suposta vontade popular; nunca dará o seu concurso a uma república sem programa, porque os processos a seguir pelos republicanos portugueses serão, com toda a certeza, os mesmos que seguem os monárquicos nacionais e as repúblicas estrangeiras.

TESTEMUNHO (reedição da nossa comissão)

INFORMAÇÃO AO PAÍS



1. OS FACTOS

No Barreiro, na manifestação do 19 de Maio são presos vários operários. Nos dias seguintes ocorrem novas manifestações violentamente reprimidas tendo, a partir daí, a vila sido ocupada pela GNR e fortes contingentes de polícia de choque.

Na C.P. os trabalhadores fizeram meia-hora de greve de solidariedade com os operários presos no Barreiro. Na Carris, no passado dia 15, os trabalhadores recusaram-se a fazer horas extraordinárias. A polícia interveio.

Em Abril, foi preso e agredido pela Pide/DGS, dentro do Instituto Comercial de Lisboa, um nosso colega sob acusação de estar a distribuir, dentro da Escola, propaganda política; a resposta dos estudantes foi a greve às aulas, e como as autoridades do Instituto tivessem reagido entregando a "manutenção da ordem interna" à PSP, os estudantes manifestaram-se na Baixa no dia 8 de Maio, sendo dispersos à bastonada.

Entretanto, encontram-se até à data presos por motivos políticos cerca de 30 estudantes.

Os alunos de Económicas, desde o início deste ano lectivo, vêm-se recusando a aceitar como professores os aliados das grandes companhias, dos Bancos e do Governo. Recusam-se a aceitar um ensino que tem como único fim prepará-los para serem os futuros "Senhores Doutores" ao serviço dos exploradores.

Os estudantes ocuparam a Escola.

A polícia enviada pelo Governo com o silêncio significativo das autoridades académicas, expulsou-os do edifício.

Em Coimbra no dia 9 de Maio o Reitor desta Universidade autorizou, uma organização declaradamente fascista (O.T.E.C.) utilizar-se das instalações Académicas, dos estudantes, para aí efectuar um espectáculo, e para o qual esta convidou "altas individualidades" (Franco Nogueira, Governador Civil, D. Duarte Nuno, etc.)

Os estudantes manifestaram-se revoltados contra a proibição de entrada na sala, e foram brutalmente atacados pela polícia que os dispersou a cete, gases lacrimogêneos e a tiro, ferindo gravemente um colega nosso.

Sob pressão dos estudantes o Reitor ordenou a interrupção do espectáculo. Recusando acatar a ordem recebida os "espectadores" transformaram esta sessão num comício nazi que terminou com a entoação colectiva do Hino Nacional acompanhada da saudação hitleriana.

Em Lisboa como forma de protesto contra estes acontecimentos os estudantes, em Assembleia Geral, decretaram um dia de greve às aulas em todas as Faculdades e realizaram uma manifestação na cidade que foi mais uma vez dispersa à cacetada.

O Governo, procurando minimizar a reacção pronta e firme dos estudantes, evitando a todo o custo que fossem discutidas as finalidades da política seguida, encerrou a Universidade.

2. DE TUDO ISTO, QUE FOI NOTICIADO ?

Segundo o Ministro da Educação Nacional, a Universidade foi encerrada para que os alunos tivessem tempo suficiente para estudar para os exames que se aproximavam.

Isto não passa de uma descarada mentira pois que muitos cursos ficaram incompletos, tendo mesmo alguns deles ficado praticamente no princípio (há cursos que começam só em Março).

Segundo a polícia, os acontecimentos de Coimbra não passaram de "uns tiros altos" para "intimidar" um grupo "que se julga serem estudantes" (do comunicado da P. S. P.) que perturbavam a entrada do espectáculo; dos verdadeiros factos ocorridos e das razões dos estudantes, faz-se silêncio ou "esquece-se" com que objectivos? - Dar à população a visão que convém ao Governo, a informação que por nada informar esconde medrosamente o que se passa.

Dos acontecimentos relativos às lutas dos trabalhadores, verifica-se então um silêncio absoluto, não se vá estragar a bela imagem da "harmonia social", em que explorados e exploradores, trabalhadores e patrões, caminham lado a lado resolvendo os seus problemas dentro do "espírito de compreensão mútua" e "sensatez", não se vá estragar a bonita imagem de um Governo "da vontade de todo o povo", ao noticiar que esse Governo manda disparar sobre esse povo.

3. COMO VÊEM OS ESTUDANTES TUDO ISTO?

Iniciou o Governo de Marcelo Caetano uma política de reforma da Universidade, para a adaptar às novas necessidades da economia dos senhores das terras e fundamentalmente das indústrias. Necessitando da íntima colaboração dos estudantes nesta reforma, pretendeu o Ministro da Educação Nacional deste Governo atrair estes com tentadora ofertas de melhorias na situação da Universidade. Os estudantes porém não estavam interessados em reformas que não alteravam o mal essencial da Universidade: que é o de servir somente os interesses dos senhores das fábricas e dos campos, e não os da população, ao aperfeiçoar a obtenção de lucros pelos patrões a partir duma exploração mais "bem estudada".

O Governo tentou convencer os estudantes do interesse da reforma e de pôr em prática a "despolitização, a reforma e a pacificação da Universidade" (palavras do Reitor de Coimbra); mas, a despolitização que trouxe foi permitir a acção política dos fascistas (OTEC), a reforma que fez foi pôr a polícia na Universidade e a pacificação consistiu nos tiros disparados a matar sobre os estudantes.

O Governo mostrou aos estudantes que não conseguindo "convencê-los" a boas, fá-lo a tiros, desmascarando assim o sentido real da sua política.

Fora da Universidade o que decorre mostra algo de semelhante, com a agravante de se passar entre os próprios patrões e trabalhadores; também aqui as reformas tentadas pelo Governo não correspondem aos interesses dos trabalhadores, que persistindo na luta pelas suas reivindicações, encontram pela frente a GNR, a polícia de choque, as prisões da PIDE e os tiros.

**Comissões Estudantis de
Informação**

noticiário

ALGUMAS NOTÍCIAS QUE OS JORNAIS
DO CON-
SULADO E DOS BANCOS NAO DERAM

FÁBRICA DE VIDROS DA BOAVISTA MARINHA GRANDE

A direcção da fábrica de vidros da Boavista -Marinha Grande, para dar expansão aos capitais acumulados resultantes da exploração da massa operária, resolveu lançar-se na mecanização das suas oficinas. Alegando depois problemas de ordem técnica quiz lançar à rua centenas de operários, que ficariam na miséria com as subvenções propostas.

Os operários reagiram, lutaram unidos e nao consentiram que os desígnios dos patrões fossem levados a efeito.

Mas a sede de lucro dos capitalistas levou-os a integrarem a fábrica da Boavista numa outra sociedade maior, um trust, designado CIVE. E assim, apenas decorrido um ano, despede uma centena de operários. Nova reacção dos trabalhadores obriga a empresa à readmissão dos operários.

Tendo falhado a tática dos despedimentos colectivos, os patrões aliados aos organismos corporativos, urdem na sombra os despedimentos individuais sob o pretexto de inadaptação ao novo sistema de trabalho e a exigência do cumprimento de mais nove horas por semana.

Esta técnica dos monopólios capitalistas, sustentáculos do governo fascista de Marcelo Caetano pode levar gradualmente os operários a uma situação de maior miséria se eles não reagem corajosamente dentro do maior espírito de solidariedade.

O precedente da fábrica da Boavista pode ser estendido às restantes fábricas da Marinha Grande se a noção de solidariedade nao é bem compreendida pelos trabalhadores.

Os trabalhadores não têm outra saída que nao seja a da luta sem quartel contra o sistema monopolista engendrado pelos regimes capitalistas. (correio de Portugal)

••••

EMPRESA DE LIMAS UNIÃO TOMÉ FÊTEIRA, LDA.

A empresa de limas União Tomé Fêteira Lda com sede em Vieira de Leiria, tem construído uma imensa fortuna na base de uma exploração enorme dos operários de uma vila pobre.

Como em Portugal não existem sindicatos livres, os operários têm feito diligências que se prolongam há mais de 10 anos, junto dos delegados do trabalho dos sindicatos fascistas. A ameaça da Pide tem conseguido impedir uma acção dos trabalhadores. O medo, a desconfiança, pairam sobre os homens criados num regime de terror.

Mas as consciências despertam e eis que num dado momento, numa unidade inesperada os operários recorrem à greve para exigência de um aumento de 25 % sobre os salários.

Governantes e patrões propõem então um aumento de 10 %. Os operários não aceitam e recorrem novamente à greve.

Chega-se enfim a um acordo de um aumento de 17 %.

A vitória não foi total mas esta meia vitória deverá fazer redobrar a consciência dos operários, que devem reforçar a sua unidade para novas lutas e para victórias totais.

Os ordenados médios de 50 escudos são uma autêntica miséria, mesmo os ordenados de 70 e 90 escudos pagos aos operários especializados, sao inadmissíveis. Mas os patrões são todos como o Tomé Fêteira: miseráveis e sem escrúpulos.

Avante, trabalhadores das empresas de limas, para aumentos de salários compatíveis com o custo de vida. (corr. de Port.)

••••

A LEI PORTUGUESA, FEITA PELOS CAPITALISTAS, NAO PERMITE A COMEMORAÇÃO DO DIA DOS TRABALHADORES

No dia 23 de Junho foram julgados no tribunal Plenário da Boa Hora, Veríssimo de Freitas da Silva Borges, de Ponta Delgada, estudante; José Magalhães Rodrigues, da Ilha de Santa Maria, empregado de escritório; Maria da Graça Marques Pinto, 19 anos, estudante, natural de Moçambique.

Os três jovens eram acusados de, na tarde do 1º de Maio do ano passado terem distribuído panfletos nos acessos subterrâneos à estação do metropolitano dos Restauradores, na Praça D. João da Câmara, no Rossio, em automóveis estacionados e em candeeiros de iluminação pública.

Segundo o próprio tribunal, os panfletos destinavam-se a darem conhecimento às pessoas da manifestação pública projectada para esse dia, com o fim de comemorar o Dia dos Trabalhadores.

A burguesia portuguesa não permite a comemoração do Dia do Trabalhadores, mostrando até que ponto despreza os operários, os camponeses e empregados, que constituem a esmagadora maioria da população do país.

A exemplo dos três jovens, forçando cada vez mais a legalidade burguesa, os trabalhadores unidos e organizados poderão, um dia, comemorar livremente o 1º de Maio, a caminho de novas victórias.

QUATRO OFICIAIS MORTOS NA GUINE

Num ataque dos patriotas da Guiné-Bissau a duas viaturas militares portuguesas, resultou a morte de 3 oficiais superiores e de um alferes miliciano:

major do corpo de estado-maior, Raul Ernesto Passos Ramos;
 major de infantaria Alberto Fernão de Magalhães Osório;
 major de artilharia Joaquim Pereira da Silva;
 alferes miliciano Joaquim João Palmeiro Mosca.

••••

DA EMIGRAÇÃO

CARTA DE DURNAU - ALEMANHA OCIDENTAL

Numa fábrica de vidros de Durnau, os patrões aproveitam-se de cada vez maior volume de mão de obra portuguesa para reduzir os salários. Os portugueses, ganham ainda menos do que os alemães.

Cerca de 150 operários portugueses abandonaram o trabalho durante cerca de meio dia para forçarem os patrões a porem termo à discriminação. Os portugueses voltaram ao trabalho no dia seguinte com a promessa dos patrões que ser-lhes-á dada satisfação. Eles voltarão à greve com a solidariedade dos operários alemães, se os patrões não cumprirem com as suas promessas.

Compatriotas, para vencer é preciso lutar. Os patrões não têm pátria, o grau de exploração, sem uma acção da parte dos operários, será sempre o mesmo em toda a parte.

A arma dos operários é a luta unida contra a exploração.

Durnau, 17 de Junho de 1970

**HABITANTES DO BIDONVILLE;
 EM GUARDA CONTRA O BOATO!**

Após o recente incêndio no bidonville de St.-Denis, levantaram-se os habituais boatos. Quem terá posto o fogo?

Nós não pretendemos ter a resposta a tal pergunta; mas pretendemos pôr em guarda os trabalhadores, contra algumas respostas, que sabemos mal intencionadas.

Assim, o jornal "Correio Português" insinua hábilmente, no seu número de 23 a 29 de junho, que teria sido um grupo de jovens, dos quais alguns terão sido presos. Nós sabemos que houve jovens presos. Mas sabemos também que houve jovens presos por razões de ordem diferente. Há jovens e pessoas não jovens que vão ao bidonville, a fim de tentarem esclarecer os trabalhadores sobre questões de ordem política e social. Essas pessoas, muitas vezes trabalhadores como os habitantes do bidonville,

(conclui ao fundo da coluna seguinte)

O governo português mantém, nas masmorras da PIDE, numerosos presos políticos. Esses homens e mulheres perderam a liberdade por não serem capazes de assistir, impassíveis, à exploração e à opressão de todo um povo e também por confiarem no despertar, para a luta, desse povo. Esses operários, camponeses, empregados, estudantes, médicos, engenheiros, etc., que, pela defesa duma causa justa perderam, em muitos casos, os melhores anos de vida, merecem a nossa solidariedade.

Podemos denunciar as prisões, assinar protestos, contribuir financeiramente. Porém, a melhor maneira de manifestar a nossa solidariedade é a participação activa na luta, sempre e onde quer que estejamos.

Reproduzimos, abaixo, uma vinheta feita e distribuída em Portugal, pedindo a libertação imediata dos presos políticos.



não têm o mínimo interesse em criar conflitos com esses habitantes. Se assim fosse, porque iriam lá?

É demasiado fácil dizer que foram os comunistas, ou os maoístas, ou a mairie; convém ao consulado, à PIDE e aos bancos que tal se diga, afim de por em descrédito as organizações políticas.

Há talvez pessoas a quem convém que o bidonville desapareça do local, por razões que, a existirem, serão de ordem económica. Se o incêndio foi propositado, é entre tais pessoas que deveis procurar os criminosos!

REVOLUCIONÁRIOS BRASILEIROS OBTÊM
IMPORTANTE VICTÓRIA

Mais uma vez, revolucionários brasileiros obtiveram a libertação de prisioneiros políticos através de uma acção decidida.

Desde Setembro do ano passado até agora a acção revolucionária provocou, no Brasil, a libertação de 60 prisioneiros políticos e 6 crianças; além disso obrigou a ditadura fascista do Brasil a permitir a difusão, através da rádio, de manifestos dos revolucionários.

Os jornais da burguesia, no Brasil e no estrangeiro, condenam os meios utilizados pelos revolucionários, como o rapto de certas personalidades estrangeiras, argumentando que tais personalidades nada têm a ver com os assuntos internos dos países em que estão. O que esses jornais não atacam é a exploração dos trabalhadores desses países, feita através da penetração económica estrangeira e da qual essas personalidades são representantes. Como também não dizem que a repressão governamental à agitação popular em países como o Brasil, Portugal, etc., se faz com armas vendidas pelos Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França, Inglaterra...

E também não dizem que os revolucionários utilizam meios violentos só depois de verificarem que a burguesia lhes proíbe todos os meios pacíficos. Vejamos o exemplo de Portugal...

Para tal imprensa, a penetração económica e a venda de armas não são intervenções nos assuntos internos dos países. Tal não é a opinião do povo do Brasil, onde a luta anti-imperialista entrou numa importante fase.

•••••

INDOCHINA: INTENSIFICA-SE A SOLIDARIEDADE
DOS POVOS FACE À AGRESSÃO NORTE-AMERICANA

Ordenando às suas tropas e às dos fantoches de Saigão de invadir o Camboja depois de terem provocado o golpe de estado em Março, os Estados Unidos efectuem mais uma agressão aberta, desprezando os acordos de Genebra de 1954 e as regras do direito internacional.

Nenhuma astúcia ou mentira podem justificar a extensão propositada da guerra à toda a Indochina. Trata-se de um desafio lançado pelos Estados Unidos aos povos da Indochina, à própria opinião americana e aos progressistas de todo o mundo.

...

A intensificação e extensão da agressão americana não fará mais do que reforçar a

(cont. na coluna seg.)

solidariedade e a determinação dos povos da Indochina no combate pelos seus direitos nacionais. A conferência dos dirigentes dos povos desta região realizada em Abril por iniciativa do príncipe Norodom Sihanouk, constitui um acontecimento de importância histórica na solidariedade e luta comuns dos três povos da Indochina, contra o imperialismo americano e os seus lacaios. A conferência constitui um golpe severo contra as intenções agressivas e de dominação neo-colonialista dos Estados Unidos. Ela levanta ainda as bases de cooperação durável e fraterna dos três povos na edificação dos países respectivos, cada um seguindo a própria via.

(extractos de uma declaração comum das Uniões de estudantes do Vietnam, Laos e Camboja)

A VOZ DA LIBERDADE

ÀS SEGUNDAS QUARTAS E SÁBADOS

A PARTIR DAS 01,15 (UMA HORA E UM QUARTO)

EM ONDAS CURTAS EM 25, 31 E 49 METROS E

EM ONDAS MÉDIAS EM 230, 320 E 550 METROS.

AOS SÁBADOS SÓ EM ONDAS CURTAS.

CONTRIBUIÇÕES DE AMIGOS DO NOSSO JORNAL

Álvaro (2 P.I.).....	5 F
Sarceles (2 P.I.).....	4 F
José Gregório.....	22 F
Fon.....	20 F
Normandia.....	7 F
	58 F

O nosso jornal é feito no estrangeiro, pelo sistema que mais facilita a sua leitura mas que é também mais caro. Daí, maiores despesas e o nosso maior reconhecimento às pessoas que o ajudam!

•••••

TESTEMUNHO

Procuraremos, em cada número do nosso jornal, incluir a reprodução de um documento publicado em Portugal ou nas colónias, que seja testemunho da luta travada pelo povo português contra o regime burguês de M. Caetano, ou da luta dos povos de Angola, Guiné ou Moçambique contra a dominação colonialista e imperialista.

No primeiro número incluímos um panfleto do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC). Neste número é a vez de INFORMAÇÃO AO PAÍS, publicada em Portugal por estudantes.

CONTRA A GUERRA COLONIAL

EM NOME DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ E OCIDENTAL

Um comunicado da FPLN faz-nos saber que a aviação portuguesa bombardeou as escolas de TAMBICO e IADOR, na Guiné dita portuguesa. Nestes ataques, efectuados em 2 de Fevereiro e 30 de Março passados, morreu um total de 15 crianças e 25 ficaram feridas.

A Força Aérea Portuguesa destruiu 2 escolas construídas pelo PAIGC; 2 escolas onde os guerrilheiros do PAIGC ensinavam às crianças africanas o que alguns séculos de colonialismo recusaram ensinar: o direito à liberdade e à dignidade, o ódio e a luta contra o opressor.

O assassinato das 15 crianças não é um simples crime de guerra: a opressão colonial é já um crime em si. O bombardeamento das escolas é uma parte desse crime e mostra-nos que o governo de Marcelo Caetano não recuará e fará, o que julgar necessário para impedir o avanço das forças revolucionárias libertadoras das colónias.

Em nome da civilização cristã e ocidental, os imperialistas cometerão os crimes que julgarem necessários para deter a vaga revolucionária que, por todo o mundo, os ameaça.

Mas nós sabemos que o povo, na Guiné ou em Portugal, será invencível.

Nós somos solidários da resistência dos povos contra a exploração e a opressão. Nós somos solidários dos que combatem o imperialismo e o colonialismo.

Vós, trabalhadores portugueses no estrangeiro, sabeis melhor que ninguém que o povo português não será mais pobre por perder as colónias:

Os vossos antepassados foram pobres durante séculos e, actualmente, vós sois obrigados a abandonar a terra e os vossos para tentardes sair da miséria. E, quantas vezes, vós saís de uma miséria para cair noutra miséria.

Ora, a única razão dessa miséria é que algumas centenas de indivíduos metem ao bolso o produto do trabalho de milhões de trabalhadores.

Por isso nós dizemos:

denunciar os crimes dos colonialistas, ajudar a luta dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, desertando exército português, sabotar o aparelho militar português, não são traições à Pátria. É lutar pelos verdadeiros interesses do povo

português. É ajudar a aniquilar o regime de Marcelo Caetano, sucessor de Salazar; o regime que, também a muitos de vós, não quiz ensinar a ler.

Também melhor do que ninguém vós sabeis o que custa não saber ler:

Quantas vezes, nas vossas relações com as autoridades, em Portugal, não tinheis de pagar a funcionários pouco escrupulosos, para que eles vos preenchessem a papelada de que precisáveis? Mesmo aqui, quantas vezes os funcionários se não riem de nos por não sabermos preencher os documentos? É da nossa ignorância que se aproveitam os empregados da alfândega em Austerlitz quando nos pedem dinheiro mesmo sem chegarem a abrir as encomendas e tendo a nossa família pago, em Portugal, os portes; da mesma ignorância se aproveitam os nossos patrões, para que não possamos exigir-lhes aquilo a que temos direito. Mesmo para escrever uma simples carta, muitos de nós têm de recorrer aos amigos.

Nas colónias, as "autoridades" portuguesas temem que o ensino se torne mais uma arma dos povos africanos, tornando a luta deles mais eficaz.

Em Portugal, o regime "Salazar-Caetano" teme que o ensino se torne mais uma arma dos trabalhadores na luta contra a exploração capitalista.

A batalha pelo ensino é também uma batalha pela dignidade, contra a opressão e a exploração.

Os nacionalistas africanos que lutam pela independência e contra o imperialismo são nossos aliados no combate contra o regime de Marcelo Caetano. Sejamos também aliados deles organizando, onde e sempre que possível, a resistência activa contra a política colonial do governo.

INDOCHINA, MÉDIO ORIENTE, COLÓNIAS PORTUGUESAS, AMÉRICA LATINA, SÃO NOMES QUE SIGNIFICAM UMA LUTA COMUM: A LUTA DOS POVOS CONTRA O IMPERIALISMO, CONTRA A OPRESSÃO E A EXPLORAÇÃO. A LUTA PELO SOCIALISMO.

COMPATRIOTA: ENVIA ESTE JORNAL PARA A TUA FAMÍLIA OU OS TEUS AMIGOS, EM PORTUGAL. É UMA MANEIRA DE QUEBRAR O MURO DA CENSURA QUE A IMPRENSA, EM PORTUGAL, ESTÁ SUBMETIDA.



Transcrevemos a seguir declarações de Agostinho Neto, presidente do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e extractos de publicações desse movimento, que nos parecem esclarecedoras de importantes problemas levantados pela manutenção da guerra e da dominação colonial na Guiné, Moçambique e particularmente em Angola. No próximo número concluiremos a rubrica respeitante à luta do povo angolano.

À MANEIRA DA RODÉSIA

Para povoar Angola, fez-se aí chegar um grande número de habitantes pobres de Portugal. Sobre as costas do nosso país desembarcaram milhares de colonos que não tinham trabalho na terra deles. Faziam parte da população mais atrasada e com menos recursos económicos. Vinham atraídos pelas facilidades que lhes eram oferecidas aqui: terras e criados que trabalham sem salário, sem roupa e quase sem alimento.

Há hoje em Angola quase 400 mil colonos. Muitos estão cá há três gerações, alguns nem conhecem Portugal. Mandaram-nos vir, pois já previam uma grande diminuição da população africana devido aos maus tratos a que a sujeitavam.

Claro que os colonos não têm a intenção de abandonar os seus bens, seja pelo valor deles seja porque dispõem de mão de obra africana que é obrigada a trabalhar quase gratuitamente. Alguns dos colonos pensam mesmo separar-se de Portugal à maneira do que aconteceu na Rodésia, onde domina uma minoria branca.

Esta pretensão tem poucas possibilidades de ser realizada no futuro próximo pois o governo português não está disposto a perder os interesses económicos que tem em Angola; a menos que haja uma grande pressão popular em Portugal, a exemplo do que nós fazemos aqui através da luta armada.

Os colonos são os nossos inimigos mais perigosos porque são os mais combativos e os que mais odeiam o povo angolano; são, por isso, os mais odiados por nós. O ódio que lhes temos é justo porque eles batem-se pelos seus interesses de exploração económica; os soldados, por exemplo, são obrigados a vir combater-nos durante dois ou três anos mas não têm interesse directo para isso. A acção dos soldados é mais fraca e há cada vez mais que se pronunciam contra a guerra e evitam enfrentar os guerrilheiros.

A NOSSA LUTA

Nas regiões sob o nosso controle, os guerrilheiros e a população resistem heróicamente a cada ofensiva, o que torna possível às forças armadas do povo angolano conseguir significativas vitórias. Nos últimos 6 meses de 1969:

- 3 aeroplanos e 2 helicópteros foram abatidos;
- mais de 500 soldados foram postos fora de combate;
- 30 traidores africanos foram eliminados;
- 20 veículos militares foram destruídos;
- capturamos grande quantidade de armas, especialmente as G3 e as FAL.

Os quartelamentos de Caripande, Muie e
(continua na pág. seguinte)

O POVO ANGOLANO EM ARMAS

(continuação da pag. anterior)

Lumbala, na 3a. região (Moxico e Cuando Lubango) e os de Sangamongo, Miconge e Tchimongo na 2a. região (distrito de Cabinda) foram sucessivamente atacados por nós, resultando pesadas baixas para o exército colonial. O quartel de Tchimongo foi mais tarde abandonado pelas forças coloniais. Um grande número de operações militares realizadas com sucesso, nos arredores de Luanda, permitiram uma maior mobilização, para a luta, da juventude da cidade. Os nossos guerrilheiros actuam já em 10 dos 15 districtos de Angola.

QUEM PAGA A GUERRA COLONIAL?

Em Portugal, 500 grandes proprietários possuem mais terras do que 50 000 camponeses que vivem na miséria.

A guerra colonial custa caro ao povo português mas é uma fonte de grandes lucros para os capitalistas. So em 1967, 10 empresas coloniais obtiveram um lucro confessado de 680 mil contos; a Companhia do Diamantes atingiu juntamente com as companhias de petróleos uma produção, em valor bruto, de mais de 1 milhão e 200 mil contos; 11 empresas eléctricas, 639 mil contos, etc. ...

...
Quem lucra, portanto, com a guerra colonial? Os grandes capitalistas, os monopólios, com o sangue e o suor, o trabalho e as lágrimas do povo português.

As despesas devidas à guerra aumentam sem cessar. Nos primeiros 6 meses de 1968 atingiram 48,8% do total das despesas públicas. As despesas ditas de defesa e segurança totalizaram em 1968 mais de 10 milhões e 200 mil contos. A estas despesas é necessário ajuntar outras ditas de obras públicas mas que são na realidade despesas de guerra, tais como a construção de estradas, aeroportos, centrais de telecomunicações, etc.

...
Quem paga estas despesas? O povo português, que dá os seus filhos para a guerra, que paga e pagará cada vez mais. Em 1968, o custo de vida aumentou 23% em Lisboa e 17% no Porto. Tal é a política de Marcelo Caetano, ao encontro dos interesses do povo, afim de poder alimentar a guerra colonial.

Portugal esta a hipotecar o seu território. Fazem-se investimentos estrangeiros, instalam-se bases militares. São os fran-

(segue na coluna seguinte)

ceses, os alemães, os ingleses e outros, quem fica a ganhar com o baixo preço da mão de obra existente em Portugal e nas colónias.

NAS ÁREAS SOB O NOSSO CONTRÔLE

Nas áreas sob o nosso contrôle, as actividades mais desenvolvidas são o treino de quadros, a agricultura, a educação e a assistência médica.

Todas estas actividades estão ligadas e dependem do nosso maior objectivo que é no momento actual a generalização da luta armada a todo o território.

A defesa é assegurada pelos guerrilheiros e pelas unidades de milícia das aldeias. A população civil colabora também, especialmente quando a defesa das regiões controladas o exige.

Os CIR (Centros de Instrução Revolucionária), asseguram o treino dos quadros políticos e militares.

A produção agrícola mantém um lugar avançado nas nossas actividades. Nas regiões controladas é dirigida pela União Nacional dos Trabalhadores Angolanos e pela Organização das Mulheres Angolanas. Durante os últimos meses de 1969 foram formadas mais de 40 cooperativas.

A educação é uma das actividades mais regulares das aldeias. Fazem-se cursos para adultos onde quer que esteja o nosso movimento. Novos livros têm sido escritos para uso nas nossas escolas que são, agora, em número de 40.

Cada médico dirige uma escola de treino de enfermeiras. Cada destacamento é sempre acompanhado de uma enfermeira.

